

Espite na Rota do 8.º Centenário

(I)

Com esta primeira publicação, damos início à divulgação de alguns trechos da realidade de Espite de outros tempos. Uns, mais ou menos recentes, ainda na memória de alguns dos nossos leitores, outros mais longínquos, que ninguém recorda e a grande maioria desconhece.

Trataremos, indiferentemente, assuntos da história da freguesia,¹ propriamente dita, de personalidades daqui naturais ou que aqui deram o seu melhor em prol do bem da freguesia. De famílias que, por qualquer facto, se tornaram intervenientes no seu meio, por cargos desempenhados, actividades desenvolvidas com relevo, na área da indústria, do comércio, ou outras actividades especializadas.

Um atentado em Espite

Hoje vamos dedicar-nos a um episódio de violência sectária que teve lugar em Espite no já longínquo ano de 1917, em que foi visado o Pároco, António Pereira Simões.

Estávamos em pleno regime republicano, instaurado e 5 de Outubro de 1910. As convulsões eram muitas, com especial relevo para os períodos eleitorais locais, quer para a Câmara Municipal, quer para a Junta de Paróquia.



O Prior António Pereira Simões, integrado no partido político que ganhou ambas as eleições, foi vítima dum atentado, com uma espingarda de calibre 16, na tarde do dia 3 de Dezembro de 1917. Na verdade, cerca das 7 horas da tarde, deste dia de Inverno, quando o P.e Simões, na sua residência, passava de vela acesa, em frente duma das janelas, alguém, do exterior, disparou um tiro de caçadeira, visando, certamente, atingir o Pároco. O disparo, além de estilhaçar a vidraça da janela, partiu, ainda, a bandeira duma porta no interior da residência. O tiro, disparado com atraso de fracções de segundo, falhou por muito pouco, o visado, P.e Simões.

As notícias a que tivemos acesso não o referem, porém, é razoável crer que se juntou muito povo para se informar o que acontecera e saber como se encontrava o seu Pároco. O semanário «O Mensageiro», no seu n.º 166 de 13 de Dezembro, desse ano, ao relatar o atentado que lhe foi comunicado pelo visado, Prior da freguesia, remata

¹ Salvo menção em contrário, sempre que nos referimos a Espite, queremos significar a totalidade do seu espaço territorial anterior a 1984.

assim a notícia: *«Estes nossos politiquêlhos de vinte ao real, são daqueles que, com a pressa de comerem o jantar, ficam sem ceia.»*

No dia santificado de 8 de Dezembro, o povo, em manifestação espontânea e demonstrativa do carinho que nutriam pelo seu pároco, reúnem-se em grande número em frente da residência paroquial, manifestando apoio e solidariedade ao seu Pastor.

Numa carta enviada à nossa redacção, o P.e Simões *«dá conta, reconhecido, das muitas, claras e espontâneas provas de dedicação e estima de muitas pessoas, da freguesia, de Ourém e doutros pontos onde já chegou a notícia de tão repelente e nefando atentado.»*

Mais tarde, ainda, foi o Prior Simões, alvo de nova e mais bem elaborada manifestação de desagravo dos seus paroquianos, fazendo-lhe entrega duma mensagem de apoio e simpatia, repudiando, veementemente, o atentado que o pretendia atingir na sua integridade física. A dado passo essa mensagem refere: *«Embora o desgraçado que teve o arrojo de disparar um tiro contra V.^a Rev.^a, fosse desta freguesia, não foi a freguesia de Espite que o quis matar, Sr. Prior, porque a freguesia protesta, com força, contra tão grande infâmia. (...)*

«Avante, Sr. Prior! O seu passado e o seu presente, dão-lhe direito à estima de todos os seus paroquianos! Sois o nosso Bom Pastor! Sois o nosso Guia! Sois o nosso Amigo!»

Além desta representação, foi-lhe entregue outra pelos habitantes do Ramo d'Além, desta freguesia, onde transparece o respeito e carinho que o povo de Espite tributa ao seu Pároco.

No ano destes acontecimentos coadjuvava o Prior António Pereira Simões, no governo espiritual da freguesia, o padre Agostinho Marques Ferreira, natural do lugar das Cortes e, pouco depois, nomeado pároco de Fátima, paróquia deixada vaga por seu primo, Padre Manuel Marques Ferreira, entretanto, colocado em São Simão onde viria a falecer e se encontra sepultado. Pároco e coadjutor militavam no mesmo partido político e lutavam pelas mesmas causas em que acreditavam. A frontalidade com que sempre encarava as situações em que se viu envolvido granjeou-lhe muitos amigos, mas também, alguns inimigos.

Destes dois padres, doutras personalidades e famílias da freguesia, daremos conta em ulteriores publicações neste semanário.

(continua)

Jacinto Gonçalves (2010)

jacinto.go@gmail.com